

SUBJETIVIDADE, HISTORIOGRAFIA, GENEALOGIA

Luciana Balbino Fidelis¹

RESUMO

A proposta inicial deste artigo consiste em fazer uma construção discursiva, no qual trata de discorrer a cerca dos fatos que envolveram o *Barco do Amor: economia do Prazer na cidade de Cáceres-MT*, é o resultado de toda uma experiência historiográfica na graduação, que possibilitou ter um olhar crítico dos fatos. A razão pela qual foi escolhido este tema, em função dos discursos existentes que produzem uma cidade erótica, uma ilha de fantasias, um paraíso de corpos desejantes, um banquete de carne oferecido em nome da economia turística para aqueles que fazem turismo nesta região, que contribuem ao firmarem o seu código de virilidade. O artigo embasará na obra de Foucault impulsionando os leitores para conhecerem a sexualidade através desse renomado autor e tendo como base o seu texto "Sexualidade e Poder".

Palavras- chave: Sexualidade. Subjetividade. Poder. Historiografia.

ABSTRACT

The initial purpose of this article is to make a discursive construction, which comes to discourse about the events surrounding the Love Boat: economy of Pleasure in the city of Cáceres-MT, is the result of a whole historiographical experience in graduate who allowed to have a critical look at the facts. The reason was chosen this theme, based on the existing discourses that produce a city erotic, an island of fantasy, a paradise of desiring bodies, a meat banquet on behalf of the tourist economy for those who make tourism in this region, contribute to enter into your manhood code. Article embasará in Foucault's work driving readers to learn about sexuality through this renowned author and based his text "Sexuality and Power."

Key words: Sexuality. Subjectivity. Power. Historiography.

1. INTRODUÇÃO

Diante dessas construções discursivas, tivemos à curiosidade de procurar analisar genealogicamente a invenção dessa nova economia do prazer, com suas políticas de subjetivações que produziram mutações, transformações, deslocamentos, representações, rostidades que configuram uma paisagem discursiva da cidade entre a interdição, a disciplina e o controle

¹ Graduada em História pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

dos corpos. No entanto, tal leitura desse contexto é um intertexto da experiência historiográfica acumulada ao longo desses quatro anos que procuramos demonstrar na construção dessa pesquisa.

Nesse contexto, através das obras de Foucault será norteado o pensamento que vai inspirar para a produção de um trabalho que impulsionará os leitores a lerem, analisarem e conseqüentemente, adquirir uma forma crítica de pensar e não se entregar de forma alienante ao que o capitalismo vem impondo à sociedade. Pensar a sexualidade através de Foucault e tendo como base o seu texto “Sexualidade e Poder”. Nesse sentido, o autor aborda a questão de como se pensar o ato sexual na sociedade ocidental e na sociedade oriental.

2. A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO DISCENTE: UMA EXPERIÊNCIA HISTORIOGRÁFICA

Mota e Febvre (1978), em seu livro *Uma Trajetória*, explica que marcou sua trajetória pelo estilo de pesquisa histórica, manuseio das fontes e forma inovadora de construção biográfica. Seu método e estilo de fazer história muito se diferenciaram da tradição intelectual existente em seu tempo. Conforme o autor, “o século XVI para Febvre era uma fonte inesgotável de humanismo. Dai sua curiosidade infundável em se debruçar a fundo para enxergar tudo quanto pudesse desse século privilegiado” (MOTA 1978, p.11).

Ao abordar a ruptura com a religiosidade, Febvre, citado por Mota (1978), procura discutir, como no século XVI, que até mesmo a hora era controlada pela igreja, no qual faz alguns questionamentos: Como pode uma pessoa pensar diferente onde o religioso é tão forte? Como alguns homens conseguem estarem à frente de seu tempo? Alguns pagaram muito caro por isto. Para ele “A igreja imprimia o ritmo de vida de cada qual no século XVI. E mesmo fora da igreja não havia como se apoiar em outro tipo de comportamento que não fosse o religioso. Nem na ciência, nem na filosofia.” (MOTA, 1978. p. 12).

Mota (1978) ao discorrerem sobre o poder da igreja, nos auxiliam a pensar sobre a vida das pessoas no século atual, na qual essa igreja ainda tem bastante influência. No entanto, não se torna tão consistente comparando com a força do capitalismo que tem como principal ferramenta a mídia que nos induz a aderir cada vez mais o seu sistema.

Neste trabalho, Mota (1978), procura mostrar o descontentamento de Febvre com a história tradicional e suas constantes incomodações com os historiadores que valorizavam a história política. Para o autor, esses historiadores eram meros reprodutores de acontecimentos, pois além de buscar produzir uma história que não se tornasse estagnada, e sempre valorizando outras fontes como a arqueológica. Em sua pesquisa valorizava em geral o humano. Ele era um humanista por excelência, e não era radical em face do conhecimento. Ou seja, não via limites rigidamente estipulados entre as diversas disciplinas. Ao contrário, vislumbrava uma unidade de conhecimento para qual contribuíram histórias, políticas, geografia, filosofia, sociologia, antropologia etc.

De acordo com Mota (1978) Febvre criticava a história historicista. Para ele, esta história era conservadora, antiquada para a vida, ou para a modernização. Tinha por essa forma o dever de escrever a história com um sentimento de aversão, o qual sempre procurou sem rodeios, quando a ela se dirigia, como o resenhista de livros de má história. Assim, via uma luta contra uma determinada produção historiográfica, uma historiografia tradicional, que havia dominado o final do século XIX e início do século XX. Em um período marcado por mortes e por dores profundas, as ciências humanas e principalmente a história, apareciam com uma grande parcela de culpa, necessitando assim, de que a compreensão do homem fosse o objetivo básico desse grupo e a interdisciplinaridade fosse o caminho.

Conforme Mota (1978), Febvre travou um combate pela história, para fazer com que a cultura historiográfica fosse substituída por outra. Para ele, a história era relatada como uma crônica de acontecimentos. O novo modelo pretendia substituir as visões breves anteriores por análises de processos de longa duração com a finalidade de permitir maior e melhor compreensão das

civilizações. A crítica de Febvre não se dirigia aos fatos em si, mas a maneira pelas quais certos historiadores reverenciavam os fatos dentro da história. Antes da nova história, os fatos ocorridos eram produzidos a partir de algum personagem em destaque em determinada sociedade, a partir da nova história. Essa visão se encerra abrindo caminho para novas visões em diferentes aspectos sociais, ou seja, para não só haver uma centralização nas histórias dos vencedores, mas também para compreender a história em diferentes classes sociais, como as dos menos favorecidos economicamente, as prostitutas, os mendigos, entre tantos outros.

Outro autor que nos auxiliou na compreensão da historiografia da história e as rupturas foram Reis (2000), em sua obra: “Os Annales: A Renovação Teórico- Metodológica e ‘Utópica’ da História pela Reconstrução do Tempo Histórico”. O autor faz alguns questionamentos, sendo um deles, o que seria uma “nova escola” em oposição a uma escola “tradicional”? Nesse sentido, o autor responde que essa diferença terá definição oriunda de novos métodos, novos objetos, novas fontes, novas técnicas, novos conceitos, novas instituições e obras e historiadores modelo. Quanto à nova forma de se escrever a história o autor enfatiza que:

[...] Uma escola histórica só pode se apresentar como “nova” se apresentar uma outra e original representação do tempo histórico. Optar por uma ou outra escola histórica não é meramente optar por objetos e técnicas ou obras-historiadores modelos. (REIS, 2000, p.10).

Para exemplificar melhor seu pensamento quanto à nova história, o autor recorre a Heródoto de Halicarnasso, descobridor do tempo dos homens, na qual o autor irá enfatizar que: “Os gregos, os criadores da história, tinham um pensamento profundamente anti-histórico”. (p.10)

Segundo Reis (2000), tanto a poesia épica, de Homero, quanto à filosofia que nasceu no século V, A.C., não trataram de eventos particulares e de personagens autênticos. Nessa perspectiva, o autor salienta ainda que a filosofia grega irá se opor ao mito, preservando dele o seu caráter anti-histórico, sendo para o filósofo grego a ideia que só o permanente é conhecível, ou seja, não dando espaço para o transitório.

Conforme cita Reis (2000), “Os filósofos não deixaram de refletir sobre a ética, a estética e a política, mas na perspectiva das “ideias eternas” (p.10). Segundo o autor, para os filósofos, a história estava no mundo do efêmero de ambições e paixões do qual a filosofia deveria libertar os homens. Nesta perspectiva, o que se mantinha predominante na visão grega era o pensamento supra lunar, ou seja, o mundo celeste incapaz de ser corrompido, que é o contrario do pensamento sublunar. Contrapondo com o pensamento filosófico, o historiador preferiu outro caminho como cita o autor: “o historiador optou pela sublunar, pela temporalidade que para ele é o verdadeiro lugar da inteligibilidade da vida humana” (REIS, 2000, p.11).

Ainda pensando como Reis (2000), a história passou a ser vista como conhecimento escrito do que foi visto, o que contrapõe com o mito que é oral e impessoal, a história é escrita e pessoal. Heródoto ao aderir às mutações humanas passou a ser visto como mentiroso, pois sua nova forma de pensar é oposta do pensar homérico que se destacava nos contos míticos e transmitiam estabilidades aos gregos.

[...] A perspectiva do novo personagem cultural o historiador, é de que o homem é um ser basicamente temporal, finito, instável, histórico. Ele recusa a atitude contemplativa do que é eterno fora do tempo, que é para ele o que de fato é inabordável e incognoscível. (REIS, 2000, p. 12).

Ao abordar o tempo histórico, o autor enfatiza que suas representações revelam as mudanças da sociedade e a sua eficácia depende de sua capacidade para acompanhar os desdobramentos dessa sociedade, e que toda a renovação em história, toda “escola histórica”, realiza uma mudança profunda na representação do tempo histórico, apoiados em mudanças ocorridas na história efetiva. Nessa perspectiva, o autor enfatiza ainda que: “Heródoto só pôde fundar a história quando se separou do atemporal e valorizou epistemologicamente as mudanças do sublunar.” (REIS 2000, p. 14).

Ao discorrer sobre o tempo histórico dos Annales, Reis (2000) salienta que, sua proposta foi à interdisciplinaridade e as suas treze gerações, apesar de suas divergências e descontinuidades, fizeram uma história sobre a influência das ciências sociais. Porém, essa aliança entre história e ciências

sociais seria uma proposta impossível de ser executada, se não fosse sustentada por um novo olhar temporal. “Esta interdisciplinaridade seria incompatível com a temporalidade “acontecimental”, do único, singular e irrepitível, linear, progressista e teleológica da dita história tradicional.” (p.15).

Conforme destaca Reis (2000), os Annales realizaram uma revolução epistemológica quanto ao conceito de tempo histórico, ou melhor, uma renovação profunda, uma mudança substancial na forma de sua compreensão, mas sem perder a sua ligação com o projeto inaugural de Heródoto, “conhecer as mudanças humanas no tempo”.

Se para os historiadores como Mota (1978) e Reis (2000), houve uma revolução epistemológica a partir de o novo olhar historiográfico dos Annales, então qual seria a dimensão dos efeitos das obras lançadas por Foucault no canteiro dos historiadores? É difícil responder tal questão, mas podemos dizer que houve um efeito em nossa experiência historiográfica.

Rago (1995) em seu artigo: o efeito de Foucault na historiografia Brasileira, procura abordar sobre as diferentes formas que Foucault escreve a história, onde o mesmo faz questão de inserir em seus discursos àquelas pessoas que passaram despercebidas do contexto histórico como as prostitutas, os mendigos, entre tantos outros que ficam a margens da sociedade. A autora aborda que nos anos 60 e 70 as historiografias eram escritas adequadamente e organizadas sobre o âmbito social, os historiadores estavam aprisionados a conceitos na qual relações socioeconômicas estavam em alta, a classe dominada e a classe dominante eram destaques pela teoria marxista que nesse período estava no auge. Portanto, com a chegada de Foucault assuntos como prisões, poder, loucura, entre tantos outros, passam a ser questionados, dando outro rumo para o contexto histórico.

Segundo Rago (1995), o desconcerto provocado por Foucault veio por vários lados. Nos anos de 1960, os meios acadêmicos Franceses tinham espaço somente para pensar quando muito, apenas uma história da razão psiquiátrica. Neste período, Foucault chamou a atenção para o impacto provocado pelo surgimento da história da loucura. De acordo com a autora no final do século XVIII, onde todos celebravam a conquista da liberdade e dos ideais

democráticos durante a revolução Francesa. Foucault deslocava seu foco para as margens, em um momento em que todos os olhares se voltavam para a Revolução, Foucault se voltava para a invenção da prisão.

Rago (1995) explica que aqui no Brasil, Roberto Machado escreveu o livro *Danação da Norma*, e o autor Jurandir Freire, escreveu *Ordem médica e norma familiar*. Esses dois autores um filósofo e o outro psiquiatra, publicaram nos anos de 1978 e 1979, dois excelentes trabalhos de história sobre o período colonial. Conforme a autora, esses trabalhos, sem sombra de dúvidas, provocou um sentimento de estranhamento entre os historiadores.

Rago (1995), fala que:

[...] Foucault não se pretendeu historiador, embora poucos tenham demonstrado um sentido histórico tão forte quanto ele. Afinal, muito antes do sucesso da “história cultural”, o filósofo insistia na ideia Nietzscheana de que tudo é histórico, e, portanto de que nada do que é humano deve escapar ao campo de visão e de expressão do historiador. Além do mais se não podemos afirmar que objetos como loucura, prisão, instituições disciplinares, corpo e sexualidade ganharam visibilidade histórica apenas a partir de seus trabalhos. (RAGO, 1995, p. 70).

Ainda em seu pensamento, a autora destaca que não tem como negar a importância de um autor que em pleno apogeu da classe operária, dos temas da revolução e da social History, de filiação marxista, seu foco era para a minoria para as margens e para o Analles. Ou seja, Foucault projetou luz sobre campos até então ignorados pelas historiografias.

Conforme Rago (1995), Foucault passa a inserir na historiografia conceitos que ainda não tinham sido escritos por outros historiadores. A autora cita que Foucault filiou-se a escola dos Analles, com o objetivo de defender a história-problema, uma nova historiografia que servisse para iluminar e responder a uma problematização colocada pelo historiador, e que desenharia no percurso aberto o próprio projeto de investigação. A mesma fala que em 68, a ação revolucionária era uma grande motivação para os estudos históricos, o desejo de transformar as historiografias que até então, valorizava somente as histórias dos vencedores.

A vontade de transformar a historiografia era muito grande. E com essas novas historiografias que vinham surgindo, fez com que vários historiadores se

desabassem, pois Foucault com seu discurso de filósofo fez desorganizar todos os fatos do passado. Somente assim pode ser feita uma análise histórica. Seguia-se então pelo caminho da descontinuidade. Em relação à produção do conhecimento histórico, Foucault questiona o conceito de verdade, e, portanto a própria ciência será visada como discurso objetivo sobre o real. Com o novo método introduzido por Foucault de se produzir a história, e fazendo uma análise da prática para depois chegar ao objeto e não o inverso.

Em suma, o efeito dessa experiência historiográfica nos impulsionou a problematizar o tema, como algo fabricado discursivamente através de seus dispositivos de controles de subjetividades que permeia a economia do prazer. Neste sentido, o que nos interessa são os discursos que fabricam uma cidade, uma representação urbana, uma paisagem para o desfile dos corpos como mercadorias.

2.1. Genealogia, Sexualidade, Política.

Foucault (1987) através das suas obras contribui para nortear o pensamento e repensar sobre tudo aquilo que já foi escrito e dito, sobre a história, a filosofia e a política e principalmente sobre o que vivenciamos atualmente. Faz nos inspirar a ter ideias fundamentais para a produção de um trabalho que impulsionam os leitores a lerem, analisarem e conseqüentemente, adquirir uma forma crítica de pensar e não se entregar de forma alienante ao que o capitalismo vem impondo a sociedade. Dessa forma, não se entregar de corpo e alma a tudo que é cultuado por um sistema que nos faz respeitá-lo, mesmo que muitas vezes somos os maiores prejudicados.

Pensar a sexualidade através de Foucault (1987), é ver além do que é considerado como ato libidinoso, mas também como um conjunto de práticas que nos leva a analisar melhor o objeto. Tendo como base o seu texto “Sexualidade e Poder”, Foucault (1987) faz a seguinte pergunta: porque escrever uma história da sexualidade? Ele responde que o fato de Freud, e a psicanálise tiveram como seu ponto de partida, um fenômeno que no fim do século XIX, tinha grande importância na psiquiatria e mesmo de modo geral na

sociedade podendo-se dizer, na cultura ocidental. O autor enfatiza que esse fenômeno único, quase marginal fascinou os médicos, os pesquisadores e aqueles que se interessavam de uma forma ou de outra pelos problemas amplos da psicologia.

[...] O desconhecimento pelo próprio desejo é enfatizado como ponto de partida. Para Freud se embasar em suas análises teóricas e de investigação, prática de tais doenças que seria denominada, a histeria, um distúrbio que se caracterizava pelo esquecimento e desconhecimento que o sujeito teria de si próprio, de todo um fragmento de seu passado ou toda uma parte do seu corpo (FOUCAULT, 1978, p. 58).

Simultaneamente a este desconhecimento (histeria), o autor se propõe a falar de outro fenômeno, o de supersaber, ou seja, um saber ampliado, um saber ao mesmo tempo intenso e extenso da sexualidade, não no plano individual, mas no plano cultural, no plano social, em formas teóricas e simplificadas.

De acordo com o pensamento do autor, o ocidente teve no final do século XIX, uma evolução no que diz respeito à sexualidade, seu hiper desenvolvimento, tendo como base dois vieses teóricos de se pensar: o desconhecimento através da histeria, e o supersaber. Esses dois elementos são fundamentais para análise do sexo, que segundo o autor, esses dois fenômenos não se tornaram contraditórios. Porém, coexistentes no ocidente, tendo como um dos problemas, saber de que modo uma sociedade como a nossa, é possível haver essa produção teórica, especulativa, analítica sobre a sexualidade no plano cultural geral e, ao mesmo tempo, um desconhecimento do sujeito a respeito da sua sexualidade.

Conforme o autor citado a cima, Freud e outros psicanalistas tomaram como ponto de partida a produção fantástica que encontra nas crianças. Este por sua vez, ainda tentou abordar o saber sobre a sexualidade em psicanálise a partir dos grandes mitos da religião ocidental, mas segundo Foucault (1978) ele não acredita que os psicanalistas levaram muito a sério o problema da produção de teorias sobre a sexualidade na sociedade ocidental.

Ao discorrer sobre o tema sexualidade, Foucault (1978) deixa claro que não pretende fazer um trabalho antipsicanalítico, mas que tenta retomar o

problema da sexualidade, ou melhor, do saber sobre a sexualidade a partir não do desconhecimento pelo sujeito de seu próprio desejo, mas da superprodução de saber social e cultural, o saber coletivo sobre a sexualidade.

Nesse sentido, o autor aborda a questão de como se pensar o ato sexual na sociedade ocidental e na sociedade oriental, na qual durante anos estudamos na sociedade ocidental a sexualidade como um tema científico, que os alunos aprendem nas escolas a conhecer o corpo humano, o aparelho sexual masculino e feminino. Em contrapartida, no oriente o sexo suscita como arte, ou seja, a arte de fazer amor, na qual é estudado não de forma científica, pois o que é ai valorizado é o desejo sexual de cada indivíduo que é estudado de forma mais extensa. Essa arte que é mencionada tende a produzir um prazer sexual mais intenso e mais duradouro possível.

Não se ensina a fazer amor, a obter o prazer, a dar prazer aos outros, a maximizar, a intensificar seu próprio prazer pelo prazer dos outros. Pensando como Foucault (1978), percebe-se que a palavra sexualidade esteve presa nos pensamentos da sociedade ocidental, sem que ela pudesse ser expressa, pois conforme enfatiza o autor, a pessoa está simultaneamente liberando a própria sexualidade e criando condições para poder tomar consciência dela, enquanto nos séculos precedentes, o peso de uma moral burguesa, por um lado, e o de uma moral cristã por outro, a primeira tomando de qualquer forma a dianteira e a continuidade da segunda, haviam impedido o ocidente de se interessar pela sexualidade.

O autor enfatiza que o esquema histórico utilizado se desenvolve frequentemente em três tempos, três termos, três períodos, sendo o primeiro movimento, a antiguidade grega e Romana, na qual a sexualidade era livre, se expressava sem dificuldades e efetivamente se desenvolvia, sustentava em todo caso um discurso na forma de arte erótica. Depois o cristianismo interveio, o cristianismo que teria, pela primeira vez na história do ocidente, colocado uma grande interdição a sexualidade, que teria dito não ao prazer e por ai mesmo o sexo. A burguesia a partir do século XVI encontrava-se em uma posição de hegemonia, de dominação econômica e de hegemonia cultural. Dessa forma, teria retomado de qualquer modo seu cargo, para aplicá-lo mais

severamente ainda e com meios ainda mais rigorosos, esse ascetismo cristão, essa recusa cristã da sexualidade e conseqüentemente a teria prolongado até o século XIX, no qual finalmente em seus últimos anos se teria começado a levantar o véu com Freud.

Nessa perspectiva, Foucault (1978) diz que esse esquema histórico tradicionalmente aceito, não exato, que não pode ser mantido por inúmeras razões, pois basicamente esse esquema dá lugar aos mecanismos da repressão, da interdição, daquilo que rejeita, exclui, recusa, e depois fazendo recair a responsabilidade dessa grande recusa ocidental da sexualidade sobre o cristianismo, seria o cristianismo que teria dito não a sexualidade.

Ao comentar sobre a moral cristã, em relação à sexualidade Foucault (1978), afirma que se propõem as seguintes características: em primeiro lugar o cristianismo teria imposto as sociedades antigas a regra da monogamia; em segundo o cristianismo teria atribuído como função, não somente privilegiada ou principal, mas como função exclusiva, como única função da sexualidade, a reprodução somente fazer amor com a finalidade de ter filhos, finalmente em terceiro lugar, há uma desqualificação geral do prazer sexual. O prazer sexual é um mal, e este precisa ser evitado e ao qual conseqüentemente, precisa atribuir a menor importância possível. Pois, o que definiram a ideia do cristianismo é que o ato sexual serviria apenas para a procriação, e logo a conservação do casamento, o casamento legítimo, o monogâmico. Foucault (1978), fala que o trabalho de Paul Veyne mostra que esses três grandes princípios de moral sexual existiam no mundo romano antes do surgimento do cristianismo, a inculcar esses princípios nos habitantes do mundo existente do ponto de vista dos europeus: nessa época, casar-se e respeitar sua mulher, fazer amor com ela para ter filhos, libertar-se o mais possível das tiranias do desejo sexual já era uma coisa aceita pelos cidadãos, pelos habitantes do império romano antes do surgimento do cristianismo.

Foucault (1978), salienta que os mecanismos de poder são mais evidentes do que as ideias morais e das proibições éticas, pois como discorre o autor, antes mesmo do advento do cristianismo esses princípios já eram estabelecidos, e apenas se eximiam desse poder uma pequena classe

privilegiada e rica, ou seja, o poder é literalmente exercido sobre os mais fracos. Nesse sentido, segundo o autor, o cristianismo seria responsável por trazer novos mecanismos de poder, este levanta um questionamento acerca desta problemática, em que se pergunta: quais são os novos mecanismos de poder que o cristianismo introduziu no mundo romano, valorizando essas proibições que já eram reconhecidas e aceitas? Como resposta Foucault (1978), denomina este tipo de poder de pastorado, um poder que traz como características alguns indivíduos singulares que tinham o papel de conduzir, de pastores em relação aos outros indivíduos que eram como suas ovelhas ou seu rebanho.

Para Foucault (1978) a sociedade moderna só pode ser pensada a partir de uma nova tecnologia de poder que irá produzir novos objetos, novos sujeitos, novas forma de controle da sexualidade. Isto nos inspirou a problematizar o sistema disciplinar da prostituição como inventado pelo o capitalismo que difundiu através de seus dispositivos um do desejo sexual: produzindo milhares de revistas pornográficas que são vendidas diariamente, é sinal que a prática da masturbação também aumentou, e essa atitude resulta num grande lucro para o capitalismo, e simultaneamente a mídia tem motivo de sobra para entrar em ação. Com as inúmeras tecnologias inovadoras que vão surgindo com o tempo, dentre elas a internet, a força da divulgação esta em alta quando se diz respeito ao comércio, pois se a pessoa quer comprar uma roupa, comida, utensílios domésticos, veículos ou até mesmo sexo, é possível. Talvez o comércio sexual que é mantido pela internet possa parecer estranho para algumas pessoas, mas é uma forma criativa de oferecer o produto para que o consumidor analise bem antes de comprar, e até pelo seu próprio conforto de não precisar sair de casa. Eis, portanto, o neoliberalismo materializado através dos discursos de plasticidade do mundo pós-moderno. São essas ressonâncias neoliberais que norteia a economia do prazer que analisamos neste estudo e os seus efeitos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos através das obras de Foucault a respeito da sexualidade, onde o autor se propõe a falar de outro fenômeno, o de supersaber, ou seja, um saber ampliado, e ao mesmo tempo intenso e extenso da sexualidade, não no plano individual, mas no plano cultural, no plano social, em formas teóricas e simplificadas. Ao discorrer sobre o tema sexualidade, Foucault retoma o problema da sexualidade a partir da superprodução de saber social e cultural, o saber coletivo sobre a sexualidade.

Nesse sentido, o autor abordou a questão de como se pensar o ato sexual na sociedade ocidental e na sociedade oriental, na qual durante anos estudamos na sociedade ocidental a sexualidade como um tema científico, que os alunos aprendem nas escolas a conhecer o corpo humano, o aparelho sexual masculino e feminino. Em contrapartida, no oriente o sexo suscita como arte, ou seja, a arte de fazer amor, na qual é estudado não de forma científica, pois o que é ai valorizado é o desejo sexual de cada indivíduo que é estudado de forma mais extensa. Essa arte que é mencionada tende a produzir um prazer sexual mais intenso e mais duradouro possível.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. **“Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”**. Conversações 1972-1990. RJ: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

MOTA, Carlos Guilherme. **Uma Trajetória: Lucien Febvre, 1878-1956**. São Paulo: Ática, 1978.

RAGO, Margareth. **O efeito-Foucault na historiografia brasileira.** Tempo Social; Rev. Social. USP, S. Paulo, outubro de 1995.

REIS, José Carlos. **Os Annales: A Renovação Teórica- Metodológica e Utópica** da História pela reconstrução do tempo Histórico. In SAVIANI, Dermeval, LOMBARAI, José Claudinei e SANFELICE, José Luiz (orgs.). História e História da educação – o debate teórico metodológico Atual. Campinas: editora: Autores associados, 1998.